

ENTRE A TRADIÇÃO FUMICULTORA E A EMERGÊNCIA DA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: O CASO DA ECOVALE

LIMA, Ronaldo G. de¹; WIZNIEWSKY, José G.²; MARTINS, Sergio R.³

Palavras-chave: desenvolvimento, bem-estar social, transição, agricultura sustentável.

1 INTRODUÇÃO

A região do Vale do Rio Pardo (VRP), que congrega 25 municípios localizados na porção centro-oriental do Rio Grande do Sul, destaca-se no Sul do Brasil pela produção fumícola, realizada em propriedades tipicamente familiares cujo sistema produtivo remonta à chegada dos imigrantes germânicos em meados do século XIX.

Essa região, como indicam os dados econômicos, possui uma vinculação histórica com o setor tabaqueiro. A dimensão desse processo é vista com os dados levantados na primeira metade da década de 90 (século XX), quando esse setor respondia por 64 % do Produto Interno Bruto Regional [6]. Já em 2001, o Valor da Produção da lavoura de fumo era de 58,78 %, contra 10,36 %, verificado no Rio Grande do Sul, dessa mesma cultura temporária [3]. Esses dados evidenciam o grau de dependência do VRP a essa atividade produtiva, tanto no campo (rural) quanto especialmente nos municípios de Santa Cruz, Venâncio Aires e Vera Cruz, os quais representam os maiores PIB *per capita* regional e caracterizam-se por sua industrialização.

Embora, quantitativamente, a cadeia do fumo represente uma importante fonte de recursos econômicos para certas localidades da região, e, muitas vezes, revela-se como a única fonte de ingresso monetário das famílias produtoras de matéria-prima, a evolução histórica regional calcada nessa cadeia exportadora demonstra haver um descompasso entre o crescimento econômico e as dimensões social e ambiental do desenvolvimento regional.

Observa-se nesse processo que a expansão produtivista convencional da fumicultura tende a subjugar a natureza, exercendo pressão sobre os recursos naturais locais, pela prática de desflorestamento e pelo mau uso do solo, danificando, com isso, a sua

¹ Engenheiro agrônomo, Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNISC, Doutorando em Agronomia pela FAEM/UFPel e Bolsista da CAPES. Correio eletrônico: ronaldol@viavale.com.br

² Engenheiro agrônomo, Doutor em Agroecologia pela UCO (ES). Prof. da FAEM/UFPel. Correio eletrônico: josewiz@ufpel.tche.br

³ Engenheiro agrônomo, Doutor em Agronomia, Prof. Colaborador do PPGA/UFPel. Correio eletrônico: martinss@brturbo.com

bioestrutura, assim como os mananciais aquíferos, devido às práticas de manejo e às técnicas inapropriadas deste padrão industrial predominante.

Considerando essa realidade atual, mesmo assim constata-se na região do VPR a transição para uma agricultura sustentável, praticada por grupos distintos de agricultores. Cita-se o caso da criação da ECOVALE (Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas do Vale do Rio Pardo), de Santa Cruz, e de outras organizações associativas ou de cooperação dispersas na região, todas trilhando o caminho da sustentabilidade na agricultura.

Essas iniciativas nasceram da necessidade de os agricultores viabilizarem sua reprodução material com estratégias produtivas de base ecológica, justamente num espaço onde histórica e tradicionalmente a cultura do fumo cresceu e é economicamente hegemônica. A emergência de tais experiências levadas a cabo por agricultores da região (a maioria continua fumicultor) demonstra haver resultados importantes, tanto na produção quanto na agroindustrialização de alguns produtos. Na esteira desse processo de transição, impõem-se importantes desafios para a adesão dos agricultores ao novo formato tecnológico. Diante do exposto, pretendemos neste presente ensaio descrever os recuos e os avanços das iniciativas produtivas em agricultura sustentável, a partir das observações e depoimentos de agricultores, membros da ECOVALE.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Entre dezembro de 2003 e junho de 2004 foram realizadas entrevistas não-estruturadas com dois agricultores, membros da ECOVALE. A construção do diálogo, registrado em gravador, entre entrevistado e entrevistador foi seqüenciado por um roteiro-guia elaborado previamente pelo entrevistador. As entrevistas, com duração média de 40 minutos foram após transcritas. Foi oportunizado ao entrevistado que ele falasse durante as entrevistas sobre o eixo temático apresentado, com foco no processo de agricultura sustentável num ambiente predominantemente fumícola. A análise e interpretação das falas registradas foram subsidiadas pela revisão de literatura pertinente ao tema, a qual segue listada ao final deste. Outro método auxiliar de coleta de dados empregado foi a análise documental, por informações recolhidas num documento fornecido pelo CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor) de Santa Cruz do Sul, organização não-governamental que presta assessoria técnica e organizacional à cooperativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas mostraram que as novas iniciativas em agricultura sustentável, conjugadas à forma organizacional dos agricultores, em núcleos ou em cooperação, melhoraram sobremaneira o bem-estar social das famílias rurais. O progresso social é destacado mediante a não-utilização dos agrotóxicos e a diminuição de outros insumos externos, o que traz melhora nos aspectos de saúde e no aumento da renda agrícola, gerada durante todo o ano com as vendas nas feiras. Além disso, há diminuição de gastos financeiros, bem como o desatrelamento do agricultor das dívidas com a empresa fumageira. Os agricultores salientam, ainda, a “imensa satisfação” com seu trabalho no sentido de ofertar aos consumidores produtos limpos sem correr o risco com agravos à saúde pessoal. Comercializar produtos isentos de tóxicos é “vender vida”, opina o agricultor 01.

Admitem dificuldades iniciais com a transição para a agricultura sustentável e indicam a necessidade de perseverança, dedicação e domínio de novas práticas e técnicas. Entretanto identificam que os resultados aparecem ao longo de tempo, e que o fundamental é se sentir motivado para a mudança. Coincidindo com o apontado na literatura [1, 2, 5], um entrevistado salienta que o período necessário para melhorar a qualidade do solo demanda alguns anos. Um ótimo estágio de ecologização, às vezes, conforme a área, requer de 5 a 6 anos, o que ainda não foi conseguido para a ampla maioria dos cerca de oitenta sócios da ECOVALE. Cabe destacar que um grupo de 10 a 15% desses sócios abandonou a fumiicultura e se encontra em processo de ecologização mais avançado do que as outras famílias. Apesar dessa diferenciação, todos se integraram ao processo de transição com atividades voltada às feiras, de Santa Cruz, Vale do Sol, Vera Cruz e Venâncio Aires, e ao comércio de produtos elaborados nos dois entrepostos, em Santa Cruz do Sul, mas com a maioria tendo na fumiicultura a continuidade comercial e ocupacional da unidade de exploração.

A pouca produção ofertada em determinado período do ano pelos agricultores ecologistas tem sido indicada como fator negativo, devido às condições climáticas da região. O agricultor 02 coloca como maior empecilho ao crescimento da cooperativa o fato de a fumiicultura encontrar-se em expansão econômica, com mercado garantido da matéria-prima dos agricultores, situação, segundo ele, que deixa os agricultores acanhados frente às incertezas de uma nova prática produtiva. Revelam medo e a dúvida diante do novo formato tecnológico de base ecológica, especialmente com relação à segurança da produção. A

tradição fumicultora é tão firme na região, que muitos agricultores secundarizam certos produtos básicos para o autoconsumo e, não raro, deixam de cultivá-los. Esse fato contrasta com a prática dos grupos em processo de transição. Conforme ainda a fala do agricultor 02, de Vale do Sol, em seu município, o poder público municipal investigou e apurou evidências que confirmam um maior bem-estar associado à saúde daqueles agricultores que se encontram empenhados na adoção de estilos de agricultura sustentável.

Já no campo da organização social, os entrevistados expressaram o quão importante é a articulação dos núcleos (grupos) de agricultores para o processo de transição. Ao lado do assessoramento feito pelo CAPA, as trocas de experiências entre os núcleos ou membros de outras cooperativas de igual propósito muito favorecem o processo de transição, com horizonte voltado a novas estratégias de geração de renda a essas famílias. A formação de grupos e, posteriormente, da cooperativa serviu de incentivo ao comércio crescente de produtos de base ecológica. O desenvolvimento de estilos de agricultura sustentável na região pode crescer se houver, conforme a opinião dos agricultores, idoneidade com as práticas e técnicas em agricultura sustentável, esclarecimentos aos alunos da rede de educação básica sobre seus múltiplos benefícios e, fundamentalmente, contar com o apoio público municipal para o desenvolvimento da agricultura de base ecológica.

A possibilidade de uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável e sua operacionalização na região em estudo deve, contudo, contar com o esforço conjugado da sociedade local. A ação pública, em três frentes: a municipal, citada nas entrevistas, a estadual e a federal, permanentemente indispensáveis para a provisão de um desenvolvimento ecologicamente prudente e economicamente satisfatório.

4 REFERÊNCIAS

- [1] ALTIERI, M. A. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 110p. (Síntese Universitária).
- [2] ALTIERI, M. A. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Tradução de Patrícia Vaz. Rio de Janeiro: PTA/Fase, 1989, 237 p.
- [3] BASSAN, D. S., SIEDENBERG, D. R. Desenvolvimento desigual na região do Vale do Rio Pardo. Redes - Revista do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNISC. Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 1, p. 121 - 150, jan./abr. 2003.

[4] CAPA/IECLB (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor/Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil). Projeto 016/2000. São Lourenço do Sul - Santa Cruz do Sul, CAPA/IECLB, 2002, 87 p. (Informe narrativo nº 04).

[5] GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. da Universidade - UFRGS, 2000. 653 p.

[6] SPIES, R. S. O impacto de uma variação na demanda regional final sobre a economia do Vale do Rio Pardo - RS. Estudos do CEPE - Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UNISC, Santa Cruz do Sul, n. 5, p. 95 - 115, jan./jun. 1997.